

Série Negra

Suicidas

Raphael Montes



Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Série Negra

Suicidas

Raphael Montes



Benvirá

Raphael Montes
Suicidas

Benvirá

*Não me pergunte quem eu sou e não me diga para
permanecer o mesmo.*

Michel Foucault

07 de setembro de 2008 – Domingo – 17h42

Cyrille. Eu pesquisei antes de vir. É um nome francês. Mas vem do grego Kyrillos, que significa “plena autoridade”. No meu entender, algo só pode ter plena autoridade se for um ser humano. Digo isso porque o único Cyrille que tive oportunidade de conhecer nesses vinte anos de vida é o nome de uma casa. Cyrille’s House, na verdade. Um nome atípico, não só pela tosca combinação francês-inglês, mas também por sua localização abaixo da linha do Equador, em pleno Sudeste brasileiro.

Felizmente, tudo fica mais claro quando se conhece a dona da casa: Maria Clara, ou Marie Claire, como prefere ser chamada. Só o fato de ela preferir atender por um nome de revista em vez de usar o original já revela que ela não era lá muito normal. Mas, como todos os pirados com mais de sete dígitos na conta poupança, Maria era considerada apenas moderna. A mansão de nome gringo era só mais uma das pecinhas da sua personalidade peculiar.

Não sou capaz de lembrar a primeira vez que entrei em Cyrille’s House. Eu tinha oito meses, e meu universo se resumia a papinha, gugu-dadá e berço. Minha mãe sempre fora grande amiga da Maria e compartilhava com ela aquele estilo high society de encarar um país subdesenvolvido: casas com nome de gente, carros blindados e babás devidamente robotizadas e uniformizadas para cuidar dos filhotes.

Naquela época, a casa não era tão importante para mim. Eu corria pelos corredores perseguido por uma infeliz que ganhava um salário mínimo. Depois, chorava porque queria brincar no parquinho, e, então, chorava porque tinha brigado com Zak. Acho que minha infância toda pode ser resumida em choro. Não de tristeza, mas de pirraça mesmo. Eu chorava e conseguia o que queria. Era feliz daquele jeito.

Só a partir dos três anos a arquitetura do lugar começou a fazer sentido para mim, como um mapa se formando em minha mentezinha infantil. A grande porteira de ferro já gasta. O caminho de terra até o casarão. O parquinho com balanços e gangorra onde eu me divertia com Zak. O tímido jardim na entrada, fazendo frente à convidativa varanda. E, na parte de dentro, uma infinidade de quartos, banheiros, cozinhas, salões... Daria para vinte famílias comunistas morarem ali. Mas não, Cyrille’s House era apenas uma casa de campo para a família Vasconcellos receber os amigos nas férias de julho.

A história toda parecia até conto de fadas: era uma vez uma Maria Clara, vinda de família pobre, filha de dois nordestinos. Ela conhece o empresário Getúlio Vasconcellos

enquanto arruma o quarto dele no hotel. Getúlio se apaixona pela camareira, e, dois meses depois, eles se casam. Maria Clara se torna Marie Claire. E eles têm seu herdeiro: Zak. Um nome inquestionavelmente estrangeiro para espantar da mente dos curiosos as origens da genitora. Pronto, hora de serem felizes para sempre.

Cyrille's House. Marie Claire. Zak. Não fosse o fato de viverem se borrando de medo de sequestro, eles teriam formado uma perfeita família plastificada para morar em Beverly Hills. Não tenho dúvidas de que Maria seria muito mais feliz assim. Remoía-se por viver na terra do carnaval, do futebol e da caipirinha...

Interessante perceber como o tempo passa. Aos nove, eu e Zak curtíamos soltar pipa, jogar videogame, bater um futebol no campo dos fundos. Com os anos, Zak se tornou o exemplo perfeito de filho de papai criado na zona sul carioca: fortinho, roupa de marca, carro do ano (uma Hilux prata de dar inveja) e garanhão das meninas na faculdade. Já eu... virei o nerd do grupo, que gosta de escrever, curte cinema nacional e acha Machado de Assis um gênio da literatura brasileira. Mais estranho ainda é que continuamos amigos. Não importa o quanto o destino cisme em romper o tênue fio que nos une, os laços da infância não se desfazem.

Hoje é a primeira vez que pisaremos em Cyrille's House sem a presença dos nossos pais. Também não poderia ser diferente. Não estamos indo para brincar no balanço ou nadar na piscina enquanto nossas mães conversam sobre a última moda em Paris. Desta vez, iremos por algo muito mais sério. Nós decidimos nos matar.

Capítulo 1

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE’S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-0506-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.^a DP – COPACABANA

05 de junho de 2008 – Quinta-feira

– Para a semana que vem, senhores, um relatório crítico sobre *Vigiar e punir* do Foucault. Baseado nos princípios que vimos nesta semana. Podem se dividir em grupos de quatro pessoas.

Às vezes me questiono onde eu estava com a cabeça quando escolhi estudar direito. Existem tantas coisas mais legais para se fazer da vida: cinema, artes cênicas, letras...

– E, antes que perguntem, vale nota, sim.

Eu gosto de filosofia. Mas nunca, nunca mesmo, desejaria ser um filósofo. De que adiantaria gastar minhas células cinzentas pensando e pensando para, no final, me tornar tema de trabalho de faculdade e merecer uns cinco ou seis “relatórios críticos” sobre minha obra? Não, não. Muito obrigado. Prefiro ganhar a vida como funcionário público: estabilidade, bom salário e outras mil vantagens que minha mãe não me deixa esquecer.

– Alê, conhece esse aí?

Como eu estava guardando o caderno na mochila, não vi quem era o “esse aí” a quem Zak se referia. Diante da minha expressão de ignorância, ele se deu ao trabalho de apontar mais uma vez para o quadro-negro:

TRABALHO FOUCOLT PARA 12/06

– Conhece?

Deus do céu, como alguém pode chegar ao quarto período de uma faculdade de direito sem saber quem foi Michel Foucault?! De qualquer modo, é possível. Zak conseguiu essa proeza. Ajeitando a manga direita para que seus músculos pudessem ganhar espaço, olhou-me, aguardando a resposta.

– Conheço – respondi.

No fundo, bem lá no fundo, ele nem era tão culpado. O velho professor, com todos os seus mestrados e doutorados, tinha sido imbecil o bastante para escrever Foucault errado. Ignorante por ignorante, pelo menos Zak era meu amigo.

– Bora fazer junto então.

Concordei com a cabeça. Existe um acordo implícito entre nós. Zak me ajuda com as garotas e eu o ajudo com os trabalhos da faculdade. Isso, sim, é que é justiça!

A sala já se esvaziava. Sempre sou um dos últimos a sair. O zíper da mochila não ajuda muito.

– Posso fazer com vocês?

A garota que fez a pergunta: cabelos ruivos entrelaçados ao estilo anos 1970, rosto fino, pele branca e olhos claros. Vestia um blusão bege e uma calça preta comprida o suficiente para cobrir o All Star vermelho. Sentava-se lá no fundo da sala e raras vezes tentava alguma pergunta. Eu sabia seu nome pela lista de presença que alguns professores ainda tinham a paciência de fazer: Rita Antunes Peixoto. Chamada de Ritinha pelos mais chegados. Eu não era um deles. Tampouco o Zak. Mas fora a ele que ela tinha feito a pergunta.

– Pode – respondeu ele, sem desviar o olhar de mim. Na verdade, a mensagem que seu sorriso me passou foi: *Essa eu não comi, mas vou comer*. E isso não era novidade.

O agradecimento da garota também foi murcho. Desde o início, ela sabia que seria aceita. Provavelmente nunca tinha levado um “não” ao longo dos seus dezoito ou dezenove anos de vida.

– Mas nós vamos fazer hoje. Lá em casa... Certo, Alê? – virou-se para mim, esperando uma anuência. Conseguiu. Ele estava mesmo apressado para conhecer os dotes da Ritinha...

Ela concordou desleixadamente com a cabeça. Afinal, o que havia demais em se meter numa casa desconhecida com dois caras para fazer um trabalho sobre Foucault? Nada.

– Quinta, dia 12, é meu aniversário... – comentou ela, prendendo os cabelos cor de fogo. – E vejam só o que eu ganhei de presente. Uma merda de um trabalho!

E riu, esperando que compartilhássemos de sua piadinha. Ficamos em silêncio.

– Quem vai ser a quarta pessoa? – perguntei, no auge da minha inocência.

– Pode ser eu?

A voz masculina veio de trás de mim. Era grave, agitada e um tanto fanha. Eu não precisava me virar para saber de quem era. Na aula, o infeliz fazia uma pergunta inútil por minuto. O sorriso amarelo no rosto do Zak expressou toda a receptividade que ele teria em nosso grupo. Três homens e uma mulher? Não daria certo.

– Pode, sim, Noel – aceitou Ritinha, como se a brincadeira toda fosse acontecer no apartamento dela.

Noel foi a primeira pessoa que conheci na faculdade. Naquele desespero patético de colecionar amigos como se colecionam figurinhas, logo na primeira semana eu o considerava um companheiro de anos. No trote, fui idiota o suficiente para tentar defendê-lo de uma

situação ridícula na qual acabei me dando mal. É a vida... Dois ou três meses foram suficientes para mostrar que ele não era boa companhia: as garotas fugiam dele. Eu fugi também.

As sardas, os pequenos óculos tombados no nariz pontudo e o cabelo cacheado caindo de modo irritante sobre a testa... Definitivamente, ele era asqueroso.

– É. Pode – concordou Zak, com toda a secura que foi capaz de expressar.

Viagens de carro costumam ser momentos constrangedores, em que o fato de um não poder olhar para a cara do outro trava a conversa. Inicialmente se fala sobre o tempo, depois sobre o último campeonato de futebol, mas logo, logo fica evidente que o melhor mesmo é ligar o rádio e esperar chegar ao destino. Como só éramos eu e Zak na Hilux, a conversa até que rendeu.

– Eu tenho pena dele, coitado – disse Zak.

Eu também tinha. Olhando pelo retrovisor e vendo-o logo atrás, seguindo-nos em seu fusquinha azul com Ritinha no assento do carona, esse sentimento crescia ainda mais dentro de mim. Não só porque a imagem lembrava uma baratinha seguindo um elefante, mas também porque meu bisavô tinha um fusquinha da mesma cor. Doce ironia.

– Ele deve ser virgem.

– E quer perder a virgindade com a sua garota – retruquei, pouco animado para a piedade. Principalmente envolvendo Noel.

– Viu o jogo do Fluzão ontem? – perguntou Zak, mudando de assunto, o olhar fixo ao trânsito à frente.

– Você sabe que não gosto de futebol.

– Cinema?

– Sem saco para falar de cinema.

Silêncio.

– Ok. Acabou o assunto – disse ele.

– É. Liga o rádio.

Duas do Caetano, uma da Elza Soares e chegamos ao prédio do Zak.

Entrar pela primeira vez no apartamento do Zak faz você acreditar que mora em uma caixinha de fósforos. Como eu já fui lá umas duzentas vezes, a sensação deprimente já está se dissipando. Ainda assim, sempre levo uns biscoitinhos no bolso para o caso de me perder por uma semana naquele labirinto de concreto.

A grande vantagem de morar num apartamento como aquele é possuir uma sala que produz eco. Um puta eco. Além de, claro, valorizar-se o dono diante dos olhos femininos. Zak sabia aproveitar muito bem essa bênção imobiliária.

– Uau!

“Uau”. É essa a interjeição que define a extensão da sala do apartamento. Saída da boca da Ritinha, então, parecia até poesia.

Os quadros muito sóbrios e alguns almofadões dão ao ambiente um estilo moderno e ao mesmo tempo descontraído. A mesa escura, combinando com o tapete, completa a arte de algum *designer* contratado para a decoração.

– Cadê seus pais? – perguntou Noel.

Nesse caso, a pergunta era plausível. Era bem possível que eles estivessem a quilômetros dali, conversando na cozinha.

– Viajando.

Para variar, pensei em completar. Mas me mantive calado e puxei uma cadeira. Não sei o porquê, mas a imagem do fusquinha azul veio à minha mente. Pelo peso, podia apostar que aquela cadeira tinha sido mais cara que o fusca. Madeira maciça.

Imaginei como Noel devia estar se sentindo. Um bosta, é claro. Se ele fosse religioso, tenho certeza, acabaria de perder toda a fé no Santíssimo. Como poderia haver justiça naquilo tudo? Fusca *versus* Hilux. Caixinha de fósforo *versus* aquela sala!

Deus é um cara muito sagaz, mas seu senso de justiça estava falho quando criou Zak e Noel. Todos sabiam que Noel era doido para namorar Ritinha. Todos sabiam também que ele nunca o conseguiria. E nós quatro sabíamos que ela estava doida pelo Zak. Pelo olhar dela, percebi que só não tirava a roupa e fazia o serviço ali mesmo porque o asqueroso estava presente.

Eu sabia que ele iria atrapalhar...

– Pode sentar? – perguntou ela.

– U-hum.

Se Ritinha estava procurando um cavalheiro, melhor caçar em outra freguesia. Zak não estava nem aí se ela ficaria de pé, sentada ou pendurada no lustre de cristal.

Enquanto todos se acomodavam, retirei da mochila meu exemplar de *Vigiar e punir*, comprado por dez pratas num sebo do centro.

– Você já leu isso tudo? – perguntou Noel, coçando o nariz, o que acentuava sua voz nasalada.

– Li.

– Alguém mais leu? – indagou novamente, temendo ser o único a não ter sequer folheado o livro. Encontrou nos outros dois o aconchego para sua falha. Enfim, eu era o único que sabia do que tratava o livro.

– É pra fazer o que mesmo? – perguntou Zak, retirando os tênis e colocando os pés com meia sobre a mesa. Descansou no encosto da cadeira, como um marajá.

– Um relatório crítico. Seja lá o que isso signifique – disse Ritinha.

– Parece chato – sentenciou meu amigo, brincando com o lápis entre os dedos compridos. – Mudando de assunto... Sábado vou numa rave. Topam?

– Nem rola – explicou Ritinha, dobrando as pernas e exibindo suas lindas coxas como em

uma vitrine. – Por causa do meu aniversário, uns parentes do Sul chegam amanhã pra me ver. Vão passar a semana. Tias velhas, primos chatos...

– Vai ter festa? – tentou Zak.

– Nada.

– E você, Alê? Que tal rave no sábado?

Minha negativa foi expressa e silenciosa. Eu? Numa rave? Onde já se viu?

– Ah, Alê, vai uma galera legal – argumentou. – Você deveria ir...

Decidi não responder. Contrariar, nessas horas, é a pior opção.

– Eu talvez possa ir – disse Noel, com naturalidade. Imaginá-lo na rave era apenas mais um motivo para eu ter a certeza de que não queria estar lá.

Pelo silêncio que se formou, achei que era minha vez de tentar começar o trabalho. Eu sabia que logo seria interrompido por algum assunto mais babaca, mas não custava nada tentar.

– Foucault escreve sobre o sistema judiciário penal. Segundo ele, ocorreram transformações no sistema penal europeu e mundial em fins do século dezoito e início...

– Esse cara ainda está vivo? – interrompeu Noel, brincando com a espiral de seu caderno. Como não estávamos na sala de aula, pensei em lhe dizer que não toleraria suas perguntas idiotas. Mas não. Estiquei pacientemente a contracapa do livro na direção dele para que lesse a biografia do “cara” para nós.

– Lê alto, curioso – disse eu.

Ele pareceu não se importar com o “curioso”. Era mesmo.

– Michel Foucault, quando morreu de aids aos 57 anos...

– Continue.

Noel tirou os olhos do livro e mirou-me com um sorriso irônico.

– O cara morreu de aids. Devia ser veado.

– Era gay, sim – respondi, pedindo o livro de volta.

Mas Noel continuou a leitura em voz alta:

– Em sua casa, as pressões para que o menino se “endireitasse” deviam ser intoleráveis. Pouco antes de morrer, o filósofo contou que, quando pequeno, seu pai o levou a uma das salas de cirurgia a fim de que ele “se fizesse homem”. A vida então se tornou uma tortura: até seus vinte e poucos anos, Foucault tentou várias vezes o suicídio, e a sua afeição pelo álcool nasceu nessa época.

– É... O cara era pirado mesmo – disse Zak.

– Melhor se tivesse conseguido se matar – defendeu Noel, buscando nossa aprovação a seu comentário patético. – Pelo menos não teríamos um relatório crítico para fazer.

Sem paciência, tomei o livro de suas mãos. Ele voltou a brincar infantilmente com a espiral do caderno. Zak e Ritinha já tinham, há muito, entrado num transe sensual: lançavam olhares, trocavam sorrisos e, por debaixo da mesa, tocavam-se com as pernas. Eu antevia a hora em que empurrariam os papéis para o chão e fariam tudo ali mesmo.

– Falando em suicídio... Vocês viram a notícia que saiu no jornal? – indagou Noel, decidido a fazer tudo, menos a porra do trabalho da faculdade.

– Da roleta-russa? – perguntou Ritinha, parando de chamego e demonstrando certo interesse no assunto.

É impressionante a atração humana pela desgraça alheia. É legal ver o fulaninho casar e a beltraninha ter filhos, mas a notícia vende muito mais se o fulaninho mata a beltraninha e depois comete suicídio.

Essa notícia dos jovens nos Estados Unidos tinha sido capa dos jornais na última semana: quatro infelizes juntos. Um deles achou a arma do pai sobre o armário e propôs a brincadeira. O revólver carregado, só uma bala faltando no tambor. Todos aceitaram. Resultado: três mortos e um babaca preso.

– Macabro, né, não?

– É... – respondeu Ritinha.

– Coisa de americano – disse Zak.

– Os caras eram franceses – discordou Noel.

– Eram americanos! – confirmou ela.

– Eram franceses. Eu li no jornal!

– Os caras morreram em Boston!

– Eu não sei onde eles morreram. Sei que eram franceses!

Adoro esse tipo de discussão: a força argumentativa de sua tese é medida pelo vigor com que você a pronuncia... Franceses! Americanos! Franceses!!!

– Então eram franceses que decidiram se matar nos Estados Unidos – concluiu Ritinha, apaziguando os ânimos.

– Tenho os jornais com a reportagem lá no quarto – disse Zak. – Vou buscar pra esclarecer isso. Bora comigo, Ritinha?

Pronto. Aquela era a deixa do casalzinho para a sacanagem.

Desistindo da discussão, Noel voltou a brincar com a espiral. Parecia se divertir tanto fazendo um barulhinho irritante ao deslizar o dedo sobre ela que sequer percebeu o que acontecia.

Esticando a mão para o anfitrião, Ritinha sumiu pelos corredores. Aproveitei para tentar organizar mentalmente o relatório crítico. Na verdade, desde que o professor o propusera, eu já tinha uma ideia formada na cabeça. Agora era só colocar no papel.

Com o som do mar batendo suavemente na areia lá fora, iniciei um esboço. Depois, numa revisão de quinze minutos, corriji algumas partes e cheguei a uma versão final.

– Ei, cadê eles?

Saindo do estado apático, Noel percebia a ausência da sua musa inspiradora.

– Estão no quarto. O Zak foi buscar os jornais com a reportagem da roleta-russa.

Há quarenta minutos, pensei em acrescentar. Mas daí ele poderia suspeitar, e eu queria

evitar constrangimentos desnecessários.

Discrição é para poucos. Mesmo que eu quisesse manter Noel na inocência, os decibéis dos gemidos da Ritinha não ajudaram muito. Ganhando caminho nos corredores e ecoando pela sala, reverberou uma longa sequência de “Oh”, “Ah” e “Ui”, misturando-se ao som do mar de Ipanema ao longe.

– Eles estão... – Noel não completou a frase. Fechou o rosto, meio indignado, meio irritado. Então, levantou-se bruscamente para ir embora.

Não sou nenhum tipo de vidente, não jogo tarô, mas tudo terminou exatamente como eu havia previsto: Zak e Ritinha trepando, Noel saindo puto e eu, sozinho, fazendo a porra do trabalho sobre Foucault.

Capítulo 2

DOS REGISTROS DE ÁUDIO – CASO CYRILLE’S HOUSE

REALIZADO EM: 09 DE OUTUBRO DE 2009

SALA DE REUNIÕES DA CHEFIA DE POLÍCIA

CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RESPONSÁVEL: DIANA CUSTÓDIO GUIMARÃES

DURAÇÃO: 06 HORAS, 23 MINUTOS E 41 SEGUNDOS

(CHIADO)

DIANA – Nove de outubro de 2009. Dezesesseis horas e trinta e dois minutos. Reunião para esclarecimentos sobre o caso Cyrille’s House. Sou a delegada Diana Custódio Guimarães. Esta conversa está sendo gravada. Alguma objeção?

(SOM DO GRAVADOR SENDO APOIADO EM UMA SUPERFÍCIE)

DIANA – Ótimo. (PAUSA) Estão presentes Rosa Wallwitz, Sônia Castro de Mendonça, Rebecca Amaral Feitosa, Débora Parentoni de Carvalho, Amélia da Silva Guanabara, Olívia Azambuja e Vânia Antunes Peixoto. Mães das vítimas do incidente ocorrido em 07 de setembro de 2008. Nenhuma falta. Esta reunião tem duração prevista de quatro horas. Algum comentário ou objeção?

(RANGER DE CADEIRAS)

(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)

DIANA – Antes de tudo, devo dizer que lamento a perda que sofreram. (PAUSA) Acreditando que, depois de um ano, essa dor já tenha arrefecido, esta reunião foi marcada.

REBECCA – Não arrefeceu. Você não sabe o que é perder uma filha... *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA)*

DIANA – Em parceria com a Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, a Chefia de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro cede espaço para esta reunião. Hoje, temos por objetivo buscar esclarecimentos acerca dos fatos ocorridos em 07 de setembro do ano passado. Como se sabe, nove jovens se reuniram na casa de campo Cyrille’s House, em Minas Gerais, com o objetivo de realizar a chamada roleta-russa. Nesse “jogo”, uma única bala é introduzida aleatoriamente em uma das câmaras do revólver. Depois, o tambor é girado e fechado. Então, forma-se uma roda e cada participante mira a própria cabeça, puxando o gatilho, sem saber se...

OLÍVIA – Chega dessa palhaçada, doutora. Todas aqui sabemos o que é roleta-russa. *(VOZ*

RÍSPIDA)

REBECCA – Sabemos.

SÔNIA – O que não entendo é como eles fizeram isso... Como podem ter morrido em uma mesma roleta-russa? Normalmente só morre uma única pessoa, não?

DIANA – As regras da roleta-russa deles foram um pouco diferentes. Vou explicar isso em breve. Vocês vão entender tudo.

SÔNIA – Ok.

DIANA – Como vocês sabem, o episódio terminou de forma violenta e um tanto quanto... misteriosa. *(PAUSA)* Os corpos foram encontrados pelos ex-policiais militares Jurandir Coelho Sá e Plínio Motta. *(PAUSA)* Acreditando que uma reavaliação dos fatos traria luz ao caso, estamos aqui hoje. Decidimos convocar apenas as mães, porque percebemos que as vítimas tinham mais contato com as senhoras do que com os pais, principalmente nos casos de pais separados.

OLÍVIA – Nós já fomos exaustivamente interrogadas esse tempo todo. Não sei o que mais vocês querem sugar da gente. *(VOZ RÍSPIDA E DEPOIS CHOROSA)*

DIANA – Estamos em busca da verdade, Olívia.

OLÍVIA – Eu também quero a verdade, mas já disse tudo o que sei. Não tenho nada a esconder.

DIANA – Decidimos avaliar novas perspectivas. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* Durante todo esse tempo, guardamos um trunfo que poderia ser a chave para entender como tudo aconteceu. *(AGITAÇÃO)* Esse trunfo nos ajudou bastante, mas não tanto quanto esperávamos. Talvez, se compartilharmos o material com vocês, possamos chegar a resultados satisfatórios...

SÔNIA – Do que você está falando? Trunfo? Não estou entendendo nada!

(RANGER DE CADEIRAS)

DIANA – Na época do incidente, nossas bases investigativas foram os interrogatórios com os pais e amigos, as evidências coletadas em Cyrille's House, os resultados periciais dos corpos encontrados e, como vocês sabem, as anotações de Alessandro Parentoni de Carvalho num caderno encontrado em sua residência, em Copacabana. *(PAUSA)* Uma espécie de diário precisamente datado, em que foram narrados alguns dados sobre as relações entre as vítimas e também o processo de elaboração e convocação de amigos para a roleta-russa.

OLÍVIA – Sim, vocês já tinham dito que encontraram no apartamento do Alessandro algumas anotações num diário... *(VOZ RÍSPIDA)* O que tem de novo?

DIANA – Isto aqui.

(FARFALHAR DE PAPÉIS)

SÔNIA – Outro caderno?

DIANA – Sim. Também escrito pelo Alessandro. Um livro, na verdade. Encontrado no local onde tudo aconteceu. Em Cyrille's House.

DÉBORA – Um outro caderno... Do meu filho?

DIANA – É o que ele mesmo chamou de sua “grande cartada”. Um livro que ele iniciou quando estava indo para lá, narrando todos os acontecimentos da roleta-russa. Não é muito grande, mas esclarece alguns pontos. Não tudo, porque o livro para quando ele... *(PAUSA)* Quando ele morre.

DÉBORA – O meu filho... *(CHORO)*

DIANA – O Alessandro não foi o último a morrer. *(PAUSA)* No intervalo entre sua morte e o instante em que os corpos foram encontrados – cerca de cento e cinquenta minutos –, algo aconteceu. Algo que deixou os corpos naquele estado inexplicável...

(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)

DÉBORA – Meu filho sonhava em ser escritor. Chegou a escrever dois livros, mas as editoras recusaram. Ele disse... *(CHORO)* Ele disse que um dia escreveria um livro que todos iriam querer ler, mesmo que ele tivesse que morrer por isso...

DIANA – O Alessandro conta detalhadamente a maioria das coisas que aconteceram na casa. Em alguns momentos, o relato é bastante forte. *(PAUSA)* Se as senhoras se sentirem mal, não deixem de me avisar. *(PAUSA)* O livro... Eu o lerei todo para vocês. Qualquer coisa que passar por suas cabeças, por favor, digam. Mesmo aquele detalhe que parecer irrelevante, digam. Tudo pode ser útil para chegarmos a uma resposta. Certo?

DÉBORA – Ele só podia estar falando nisso... Quando me contou que seria um escritor famoso mesmo que tivesse que morrer por isso... Ele só podia estar... *(CHORO)*

DIANA – É bem possível que tenha sido esse o seu motivo para aceitar participar da roleta-russa. *(PAUSA)* Os motivos dos outros jovens também ficam um pouco mais claros. Mas não todos. Espero que vocês consigam nos ajudar com isso também. *(PAUSA)* Posso começar a ler?

OLÍVIA – Pode.

DIANA – Então vamos lá. “*Prólogo*. – Cyrille. Eu pesquisei antes de vir. É um nome francês. Mas vem do grego Kyrillos, que significa ‘plena autoridade’...”

Capítulo 3

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE’S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-1301-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.^a DP – COPACABANA

13 de janeiro de 2008 – Domingo

Saber jogar pôquer é uma arte. Não só pelos blefes nos momentos certos, mas também por reconhecer uma boa mão quando calha de ela vir para você. Uma boa mão não depende apenas das cartas na mesa, mas também das cartas nas mãos dos outros jogadores. Muitas vezes, uma dupla pode esconder sua vitória. Mas, dependendo da rodada, uma sequência pode não valer nada. Tudo depende da expressão. Da expressão corporal dos seus oponentes. Saber reconhecê-la é outra arte. Alguns desandam a falar quando vêm com uma boa mão, outros batucam as cartas na mesa na hora de blefar e outros jogam pôquer acreditando que aquilo é puro jogo de sorte. Esses são os melhores. Entram para perder.

Eu entro para ganhar.

Obviamente, já perdi algumas vezes. E tive que ouvir o discurso moralista da minha mãe, do tipo: “Você vai ficar viciado!”. Ou: “Vai perder todo o dinheiro do estágio nisso!”. – E outras lenga-lengas. Meu argumento é simples e irrefutável: não existem aqueles que saem de casa para ir ao cinema e comer pipoca? Pois então, eu prefiro o pôquer. Se ganhar, é lucro. Se perder, pelo menos me diverti. Pior é ela, que joga há vinte anos na Mega-Sena e nunca recebeu nem um centavo de volta.

– Mesa – pedi, com um soquinho no pano verde.

– Eu cubro a aposta do Otto e dobro.

Uma ou duas vezes ao mês, a gente marca um “poquerzinho”. Normalmente na casa do Zak, porque os pais dele estão sempre viajando e porque ele sempre traz uns amigos de “não-sei-onde” para jogar. Dessa vez, foi o Otto. É impressionante como, mesmo sendo meu amigo desde pequeno, Zak ainda arranja pessoas que eu nunca vi na vida. Otto, ele conheceu num cruzeiro pelas ilhas gregas. Coisa chique mesmo. A cara da Marie Claire.

– Eu saio – disse eu. Um dois e um três na mão. Naipes distintos. Apenas cartas altas na mesa. Não era hora de blefar.

Ainda estava tentando descobrir o padrão do Otto. Pensei que ele abria bastante os olhos toda vez que tinha uma mão ruim, mas tive o dissabor de perceber que estava errado. Mais algumas rodadas e eu descobriria seu ponto fraco.

As pessoas mais comuns do mundo são, sem dúvida, as que têm mais potencial para ser grandes jogadores de pôquer. Otto é a prova disso. O rosto comprido, cabelos pretos cortados curto. Nariz pequeno, boca média de lábios finos. Olhos vazios e negros, marcados por longos cílios femininos. Magrelo. Enfim, uma pessoa que passa despercebida. Para compensar, ele usava um short amarelo-mostarda e uma camisa verde-kiwi.

– Eu também saio – disse ele.

Merda! Zak levou a mesa sem ter que mostrar as cartas. E ele estava blefando. Eu sabia.

– Eu sou o *dealer* agora – retomou ele.

As rodadas se sucederam. Perdi algumas, ganhei outras. O pôquer simula a vida. Às vezes você perde, às vezes você ganha, mas o negócio é manter-se lá, jogando. Dar *All-in* toda hora é coisa de principiante.

Meu bisavô me ensinou que você só pode dar *All-in* em dois momentos, que ele chamava de “a grande cartada” e “o grande blefe”. Na “grande cartada”, você aposta tudo simplesmente porque tem a certeza de que possui a melhor mão da mesa. No “grande blefe”, você tem que conhecer bem os outros jogadores para ter a certeza de que eles vão correr quando você fizer sua aposta mentirosa. Como ele mesmo dizia, a “grande cartada” é para os homens de sorte e o “grande blefe”, para os homens de coragem. E ele era um sortudo corajoso...

– Não tem nada pra beber, não? – perguntou Otto, piscando excessivamente os olhos, os cílios compridos parecendo abanadores nervosos.

– Água?

– Eu estava pensando em uísque. Tem?

Zak sorriu. Desceu as cartas na mesa e foi buscar a bebida.

– Eu aceito a água! – gritei, enquanto ele sumia no corredor.

Beber álcool naquela altura do jogo só baixaria a minha atenção nas cartas. Se fosse para me embebedar, eu iria para um bar e não para uma mesa de pôquer. Por um instante, considerei a possibilidade de aquela ser mais uma tática do Otto, mas logo abandonei a hipótese. Ele não parecia tão esperto.

Zak voltou segurando desajeitadamente uma jarra de água e uma tentadora garrafa de Blue Label. Distribuiu os copos e serviu-se. Otto observava a bebida, tenso.

Copos cheios, brindamos. Um brinde nada animado, pontuado apenas pelo tilintar dos vidros em choque. Zak esvaziou o copo numa golada. Moderados, eu e o outro tomamos apenas um gole e voltamos a atenção às nossas cartas.

Um três de copas e um dois de ouros. Só carta baixa... Mas que merda! Mesmo assim,

apostei, acreditando na possibilidade de uma sequência. Tensão total.

– Eu dobro – disse Otto.

– Eu cubro e dobro – disse Zak, rindo, antes de engolir a segunda dose de uísque.

Briga de cachorro grande. Ainda nem tinha saído nenhuma carta, e aqueles desgraçados já apostavam alto. Deviam ter um par de ases nas mãos, os filhos da puta.

– Saio – disse eu. Agora, não tinha como saber se Zak estava mentindo. Toda vez que blefava, ele inclinava levemente a cabeça para a esquerda. Depois de três copos, sua cabeça tombava de um lado para o outro como um pêndulo.

Bebi a água e fiquei observando Otto apostar. Segurava as fichas com firmeza e jogava-as na mesa com uma segurança admirável. Mantinha a postura ereta, os olhos negros atentos ao jogo, ignorando sumariamente o ambiente ao redor. Nenhuma brecha. Nenhum tique.

Decidi, então, fazer o tratamento de choque: puxar um assunto. Quanto mais banal, melhor. Com o desgraçado falando sobre uma asneira qualquer, sua guarda baixaria e ficaria mais fácil descobrir um ponto fraco.

– Otto... É um palíndromo, não é? – eu disse, como quem não quer nada. – Quero dizer, seu nome, Otto, é um palíndromo.

Ele não respondeu. Segurou três fichas e lançou-as sobre o pano verde da mesa.

– Eu acho legal... Palíndromos – não desisti.

– Que diabos é um palíndromo, porra? – perguntou Zak, rindo. Por que quanto mais bêbado, mais engraçado a gente se acha?

– São palavras ou frases que, lidas na ordem comum e na inversa, dão na mesma coisa. Otto. De trás para a frente e de frente para trás, é Otto – expliquei.

– Ovo também é! – animou-se Zak.

Otto coçou a nuca, sem tirar os olhos do jogo. Ignorava minha conversa.

– Anotaram a data da maratona... Também é um palíndromo – disse eu.

Zak mirou-me com um olhar desconfiado e começou a rir. Depois, parou. Encheu mais um copo de uísque e ficou pensando.

– Vai. Aposto – disse Otto, cansado de esperar.

– Puta merda, pior que é um palíndromo mesmo! “Anotaram a data da maratona.” Gostei!

– Aposto – Otto mandou mais uma vez, sem alterar a voz.

– Está um saco esse jogo. Só você leva a mesa, Otto! – disse Zak, acompanhado de mais uma risada e mais um copo de uísque.

– O Lucas e a Maria João deveriam ter vindo. Cinco na mesa é bem melhor – opinei.

– Os pais deles se separaram, parece. Tá uma confusão só. Não deu para eles aparecerem...

Concordei com a cabeça. Também estava cansado de ficar ali perdendo. Por um segundo, voltar para casa e ficar na internet ouvindo música me pareceu a melhor opção da noite.

– Por que nós não jogamos outro jogo? Algo mais divertido – propôs Otto.

Uau, péssima ideia!, pensei em dizer. Mas só saiu:

– Eu não joga outra coisa. Só gosto de pôquer.

– Então vamos jogar strip-pôquer.

Confesso que essa era a última proposta que eu esperava ouvir naquela sala. Meus músculos faciais se contorceram em sinal de reprovação, e tudo o que consegui balbuciar foi:

– Hein?

– Strip-pôquer! – gritou Zak, confirmando que eu não estava ficando surdo. – Boa ideia!

Mirei meu amigo com total incredulidade. Ele, com os olhos caídos, levantou seu oitavo copo de uísque e simulou um brinde, a garrafa de Blue Label já quase no fim.

Como assim, três marmanjos sentados numa mesa jogando strip-pôquer?

– Eu não vou – respondi.

– A gente aposta o relógio, a meia, o tênis. Coisas assim! – disse Otto, tentando me convencer.

– Bora, Alê, deixa de besteira. Bora! Vai ser engraçado!

Eu não sei onde estava com a cabeça quando anuí levemente. Talvez aquele desgraçado tenha posto algo em minha inocente água. De qualquer forma, estava consciente o bastante para evitar que as apostas ultrapassassem os acessórios básicos que eu usava.

Otto distribuiu as cartas apressadamente. Minha cabeça fervilhava e, sob a iluminação fraca do lustre, segurei-as. Ajeitando o pescoço e respirando fundo, olhei a mão: uma dupla de reis. Bom sinal.

– Eu aposto meu relógio – disse Otto, jogando um Swatch de pelo menos trezentas pilas na mesa. Olhei para o relógio, tentando conter o sorriso. Ele seria meu.

– Minhas meias valem seu relógio? – perguntou Zak.

Ele deu de ombros e, pela primeira vez, sorriu.

– Valem.

Ofereci o pé direito do meu tênis.

Apostas feitas, Otto virou as três primeiras cartas, ansioso: um ás de ouros, um três de copas e outro de ouros.

Agora eu estava numa situação de risco: quem quer que tivesse um três na mão ganhava da minha duplinha de reis. Mesmo assim, confiante de que o relógio Swatch seria meu, apostei o outro pé do tênis. Otto tinha apostado a camiseta verde-kiwi. Zak, as calças que vestia.

Mais uma carta virada: cinco de espadas.

Nada mudou no jogo. A tensão continuava a mesma. Todos pediram mesa. Ninguém queria arriscar nada. A última carta foi virada: sete de ouros.

Droga, pensei. Tenho duas duplas. Os reis na mão e os três na mesa. Se alguém tiver um ás ou um outro três, estou pior do que ferrado! Estou descalço!

Havia ainda a possibilidade de alguém ter duas cartas de ouros na mão e fazer um *flush*! Resolvi não arriscar e saí do jogo. Zak apostou a camisa. Otto, as havaianas.

Meu amigo não parava de rir enquanto esperava o resultado daquela jogada. Já Otto se

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Suicidas"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).